

Epistemologia 'Not Only': as bibliotecas públicas de Bachelard à Deleuze

Epistemology 'Not Only': public libraries from Bachelard to Deleuze

Solange Puntel Mostafa

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Brasil.
Professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo –FFCLRP/USP, Brasil.
E-mail: smostafa@terra.com.br

Daniele Achilles

Doutora em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Brasil.
Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Brasil.
E-mail: daniele.achilles@unirio.br

Deise Maria Antonio Sabbag

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' – UNESP, campus de Marília, Brasil.
Professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo –FFCLRP/USP, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6392-4719>
E-mail: deisesabbag@usp.br

Resumo

O artigo tem como **objetivo** a proposição da epistemologia 'but not only' por meio de um percurso dialógico que alinha a Epistemologia Social de Jesse Shera à Epistemologia construtivista defendida por Gaston Bachelard delineando um caminho reflexivo-crítico pela Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari e a antropologia de Marisol de La Cadena. A **metodologia empregada é exploratória pautada no método qualitativo** que desenvolve interlocução entre os teóricos e movimentos epistemológicos estabelecendo uma tessitura marcada pela filosofia da diferença que se expressa na criação de conceitos e a distinção da epistemologia construtivista de Gaston Bachelard, epistemologia social e construtivismo na filosofia de Gilles Deleuze. Este para explicar o que é conceito admite uma série de detalhes que tem origem na virtude dos problemas, concebendo uma trilha subjetiva e prática, tendo um todo fragmentário que acolhe a multiplicidade do conceito e seus processos. O conceito é construído a partir da articulação de elementos heterogêneos: é o acontecimento. O passeio pela epistemologia filosófica deleuziana que cria conceitos proporciona a criação do conceito filosófico 'biblioteca not only'. Biblioteca 'not only' compreende um problema que não se esgota nos exemplos modelados em bibliotecas públicas ressignificados. Para elucidar os contornos da 'biblioteca not only' é utilizado a sumarização de Mostafa e Nova Cruz (2009): todo conceito remete a um problema que está, de alguma maneira, mal-visto, mal colocado; todo conceito tem componentes, se define por eles; todo conceito tem uma história; todo conceito tem um devir. A 'biblioteca not only' são várias bibliotecas e outras que estão por vir. Como **resultado** epistemológico apresenta-se a 'biblioteca not only' como espaços amplos de aprendizagem que extrapolam a leitura e a escrita; como direção transformadora de problemas com a capacidade de acolhimento dos mais diversos públicos; como conceito que contempla o traçado histórico temporal desde o Brasil-colônia; como conceito de muitas outras bibliotecas e aponta para um além mais de bibliotecas ainda por vir.

Palavras-chave: Epistemologia social. Epistemologia construtivista. Filosofia da diferença. Criação de conceitos. 'Biblioteca not only'.

Abstract

The article proposes the 'but not only' epistemology. Dialogue with the Social Epistemology of Jesse Shera, Constructivist Epistemology defended by Gaston Bachelard, Philosophy of Difference by Gilles Deleuze and Félix Guattari and anthropology by Marisol de La Cadena. The methodology is exploratory with a qualitative method that develops interlocution between theorists and epistemological movements establishing structure with the philosophy of difference expressed in the creation of concepts and the distinction of Gaston Bachelard's constructivist epistemology, social epistemology and constructivism in the philosophy of Gilles Deleuze. Deleuze explains that the concept admits a series of details that originates from the virtue of the problems, conceiving a subjective and practical path, having a fragmentary whole that welcomes the multiplicity of the concept and its processes. The concept is built from the articulation of heterogeneous elements: it is the event. The journey through the Deleuzian philosophical epistemology that creates concepts provides the creation of the philosophical concept 'library not only'. 'Not only' library understands a problem that doesn't end with examples modeled on resignified public libraries. To explain the 'not only library', the summarization of Mostafa and Nova Cruz (2009) is used: every concept refers to a problem that is, in some way, frowned upon, misplaced; every concept has components, it is defined by them; every concept has a story; every concept has a future. The 'not only library' are many libraries and others to come. The epistemological result is the 'library not only' as a broad space for learning that goes beyond reading and writing; as a space for the most diverse audiences; as a concept that contemplates the temporal historical tracing since the colony Brazil; as a concept for many other libraries beyond the future.

Keywords: Social epistemology. Constructivist epistemology. Philosophy of difference. Criation of concepts. 'Library not only'.

1. Introdução

Aprendemos sobre o conceito '*not only*' na antropologia praticada por Marisol de La Cadena (2014). A chegada da autora ao Reino Unido para apresentar sua conferência resultou em uma anedota na interlocução com o funcionário da alfândega. Marisol entrava no Reino Unido para falar de montanhas, mas murmurou o intrigante complemento '*not only*' o que suscitou a curiosidade do funcionário, que então replicou: "Ah... montanhas sagradas?" E novamente a antropóloga confirmou dizendo que sim, mas, novamente, não apenas isto ('*not only*').

A expressão '*not only*' é um importante conceito filosófico da antropóloga peruana que, na interlocução com Donna Haraway, ou com a antropóloga inglesa Marilyn Stratern e sua fórmula 'mais de um, menos que muitos', experimenta formulações novas como parte de suas problematizações teóricas.

Trata-se de negatividades que preferimos chamar de indeterminações para dar conta de outros mundos não aparentes porque estão presentes nas relações acontecimentais ou no cruzamento de mundos heterogêneos. Não apenas a junção de humanos e não humanos como

aprendemos nas ontologias assimétricas, mas o entendimento de que as relações também fazem parte da experiência, importante lição do pragmatismo americano e do empirismo humeano.

Com essa inspiração, apresentamos o conceito '*not only*' para as bibliotecas públicas, objeto de investigação de Achilles (2018), ao passar pelas epistemologias presentes na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. A expressão 'epistemologia '*not only*' enunciada no título indica a insuficiência da epistemologia quando comparada com a filosofia da diferença, aquela preocupada com a vigilância do método de conhecer e esta preocupada com a criação de conceitos ou mundos possíveis.

Pretendemos que este seja um texto de epistemologia, '*but not only*', porque nos possibilitou criar conceitos, distinguindo epistemologias. A rica expressão não é uma fórmula para acrescentarmos em uma lista, como esclarece a própria antropóloga Marisol de La Cadena. É mais uma presença que desafia o que conhecemos e a maneira como conhecemos, e ainda mostra a impossibilidade de conhecermos tudo. Assim, apresentaremos epistemologias presentes na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, por pensadores defensores da criatividade e da novidade, com teorias claras de problemas e de problematização que se complementam de maneiras valiosas.

Veremos que a ênfase deles na problematização é significativa, não apenas porque torna as noções de crítica e resistência mais precisas, mas também porque revelam o vínculo íntimo entre ontologia e ética. Desse modo, o texto está organizado nas seguintes partes: epistemologia tradicional versus epistemologia social; a epistemologia construtivista de Gaston Bachelard; o problema para Bachelard e a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari; e, finalmente, abrimos os caminhos para pensar o conceito de 'biblioteca *not only*', nos moldes deleuzianos.

Esta configuração textual se justifica ao consultarmos a tese de Achilles (2018) na qual observamos um percurso que, apesar de incluir Bachelard e Deleuze, desenvolve uma problematização diferente da que traremos neste texto. Qual a diferença? Achilles mencionou Bachelard e sua noção de obstáculo epistemológico na (tese de 2018) por acreditar que a prática reiterada das operações técnicas impede novas formulações científicas para estas mesmas práticas. Tal impedimento seria o que Bachelard denomina 'obstáculo epistemológico'. Para renovar práticas é necessário distanciar-se delas (a ruptura proposta por Bachelard). Acreditando haver uma desconexão entre teoria e prática a análise sobre bibliotecas públicas realizada por Achilles (2018) analisa um conceito de biblioteca ressignificado para explicar as

questões relativas às bibliotecas públicas. Nesse sentido, não vamos nos ocupar dos parques bibliotecas, pois Achilles se apoia na filosofia de Deleuze baseada toda ela na criação de conceitos para falar da possibilidade de construção do conceito de biblioteca pública calcado mais na experiência e vivência, por isso recupera Benjamin. Achilles (2018) enfatiza que a construção do conceito não pode ser algo engessado, tampouco extremamente sólido, fechado. É a partir da lógica de resolução de problemas embutido na Filosofia da Diferença de Deleuze que a autora lança a proposta de criação de conceitos mais abertos, fluidos que possam caminhar juntamente com as práticas vivenciadas cotidianamente por essas instituições.

Ao utilizar inicialmente o terreno da História, Achilles (2018) descreve um percurso do sentido dos conceitos atribuídos à biblioteca pública, descortinando suas definições, missões e funções. No entanto, transitar apenas pelo terreno da História é configurar o conceito biblioteca pública a partir de uma perspectiva do acabado, isto é, conceito que foi encerrado.

Para trabalhar a questão conceitual, Achilles (2018) centra sua pesquisa nos sentidos teóricos e utiliza o campo da Memória Social, transdisciplinar por excelência, para produzir uma narrativa cujo principal objetivo é alertar para a construção de conceitos abertos.

Ao utilizar a fórmula de Alfaro López (2008; 2010), Achilles (2018) não chega a explorar a interlocução entre a perspectiva da epistemologia bachelardiana em relação aos aspectos epistêmicos apresentados por Deleuze (2010). Nesse sentido, este artigo se lança como uma reflexão de um dos aspectos que podem ser explorados e, ainda, inaugura a interlocução da filosofia inspirada em Deleuze (a expressão “Epistemologia ‘*not only*”” do título deste artigo ganha assim mais sentido). É claro que a criação conceitual não dispensa algum percurso histórico, mas como parte da nova problematização. Mas ao fim, e ao cabo, é preciso criar um novo conceito para o problema abordado na revisão histórica. Assim trataremos nesta oportunidade os mesmos filósofos contemplados por Achilles (2018), isto é, Bachelard e Deleuze. Menos para ressaltar a prática como obstáculo epistemológico e mais para aproximá-lo de Deleuze, nos contextos de descoberta.

2. Epistemologia tradicional versus Epistemologia social

A Epistemologia tradicional é uma disciplina referida ao tema do conhecimento nos manuais de filosofia e, também, nos currículos filosóficos. Trata-se de uma grande tradição que vai do século XVII ao XVIII lembrando as premissas cartesianas e kantianas, no entremeio de correntes empiristas e idealistas lideradas por Locke, Berkeley e Hume. Os desenvolvimentos do tema nos séculos XIX e XX trarão, além das teorias do conhecimento, procedimentos referentes às teorias da investigação. John Dewey, por exemplo, escreve "A lógica da investigação" nos anos trinta do século XX.

Dutra (2010) elucida os temas da epistemologia tradicional como crença justificada ou formas de justificação. Três perguntas estão sempre envolvidas no tema epistemológico: o que é o conhecimento? O que podemos conhecer e como conhecemos? O que conhecemos? (GRECO; SOUSA, 2008, p.16).

A teoria do conhecimento e a lógica da investigação comportam expressões como o 'contexto da justificação' ou da 'descoberta'. A teoria do conhecimento se encarrega em apresentar as provas de nossas verdades: como podemos sustentar nossas opiniões de modo a não deixar dúvidas sobre o que estamos falando, o que configura o contexto da justificação. Já o contexto da descoberta diz respeito a áreas como a Psicologia ou Pedagogia, como também à Filosofia da Ciência de Gaston Bachelard.

A *epistemologia social* de Shera situou os contextos da justificativa e da descoberta em uma perspectiva mais ampla ao falar em cognição social. Os anos 1970 não poderiam ficar sob o escrutínio da teoria dos sistemas; ou somente da pesquisa operacional. O autor propunha nos seus textos maior atenção às ciências sociais, e às humanidades, em uma década marcada pelo surgimento do neoliberalismo americano e europeu. Afirma, então, que "recentemente tem havido uma desilusão crescente com o que os cientistas e engenheiros estão fazendo à sociedade, e estamos descobrindo que a ciência não resolverá todos os males que nos cercam" (SHERA, 1973, p.91). Ao apontar a insuficiência da Teoria de sistemas e da lógica computacional da Pesquisa Operacional, Shera se beneficia da lógica interna aos procedimentos sistêmicos (a inter-relação entre as partes de um todo operacional) para lançar as bases da Epistemologia Social, epistemologia esta que 'coloca sua ênfase sobre o homem todo e toda a sociedade, e todas as suas formas de pensar, saber, sentir, agir e comunicar'. Propõe assim a substituição da teoria de sistemas dos anos setenta para a epistemologia social, "[...] que na

realidade é o estudo da cognição social, é o fundamento adequado de uma ciência da biblioteconomia” (SHERA, 1973, p. 89).

A Biblioteconomia deveria basear-se em muitas outras disciplinas, mas "deve sempre enfocar esses processos pelos quais a sociedade atinge um estado de conhecimento por meio de suas partes constituintes" (SHERA, 1973, p. 89). A biblioteca será, assim, um dispositivo em que veremos a aprendizagem social realizada e por vir. Estes valores sociais realizados são comunicados pela biblioteca, agora um organismo vivo liberando um processo que "é ao mesmo tempo histórico, contemporâneo e antecipatório” (SHERA, 1973, p. 90). Nesse sentido, aponta que a alienação de uma biblioteca é apenas eficiente, por mais avançados que sejam seus procedimentos operacionais. Preocupa-se com a afetação de todo o processo no meio social: "mais do que nunca, nossa sociedade parece precisar do que as bibliotecas têm a oferecer" (SHERA, 1973 p. 92).

Jesse Shera, diretor da primeira escola de nível superior de Biblioteconomia americana, na Universidade de Chicago nos anos 1960, antevê o nível universitário desta profissão, a partir das experiências profissionais exercidas na biblioteca pública. Desse modo, afirma que a biblioteca "tem a obrigação de ser relevante para as necessidades sociais de hoje, de usar o jargão dos jovens ativistas e de ampliar seus serviços para as minorias desfavorecidas, privadas e rejeitadas" (SHERA, 1973, p. 94). Defende, também, a capilaridade das bibliotecas e dos bibliotecários pelo interior do país, no reconhecimento do agronegócio e do produtor do campo: "O fazendeiro é uma parte tão importante do sistema democrático quanto o morador da cidade, e ele tem tanto direito aos melhores recursos da biblioteca quanto seu irmão na Quinta Avenida" (SHERA, 1973 p. 95). Da mesma forma, o recrutado para os estudos de Biblioteconomia deve ser conhecedor da literatura especializada do seu campo de trabalho, entendendo a estrutura destes escritos e o comportamento da literatura em questão.

A ideia da Epistemologia Social, entretanto, surge nos anos 1950, conforme Oddone (2007, p. 110), em um artigo intitulado "*Foundations of a theory of bibliography*". A não aceitação dessas ideias pelos bibliotecários justifica-se pela pouca adesão deles às ciências sociais da época.

No texto dos anos 1970 sobre a educação bibliotecária, Shera entende a Epistemologia Social como “um corpo de conhecimentos sobre o próprio conhecimento [...], sobre os modos por meio dos quais o conhecimento é coordenado, integrado e posto a funcionar [...], sobre as forças intelectuais que modelam as estruturas e as instituições sociais” (SHERA, 1972, p. 111-

112). Assim, nessa condição, a nova ciência funcionaria como embasamento filosófico para a educação superior dos bibliotecários. E, no famoso texto *“Toward a theory of librarianship and information science”*, tivemos a explicitação de que a Epistemologia Social tratava “da produção, do fluxo, da integração e do consumo de todas as formas de pensamento comunicado [os ‘produtos intelectuais’] por meio de todo o tecido social” (SHERA, 1973, p. 89).

Tais considerações motivaram Oddone (2007) a visitar o conceito de Shera (1973) em um trabalho consistente e de fôlego, identificando um "esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual" (ODDONE, 2007, p. 1) que, mais tarde, encontraria ressonância na ecologia cognitiva de Lévy (2011), na rede de atores de Latour (1997) e na arqueologia do saber de Foucault (1997).

Ao situar a Epistemologia Tradicional e apontar caminhos para a Epistemologia Social, observamos um movimento de alargamento dos aspectos que compõem as estruturas constituintes da epistemologia como campo.

2.1 Epistemologia construtivista de Gaston Bachelard

O livro de maior expressão do construtivismo é *“Formação do espírito científico”* cujo subtítulo trata do contexto da descoberta na alusão à psicanálise do conhecimento. Não estaríamos exagerando se considerássemos todo o denso livro uma contestação ao contexto da justificação, pois são justamente as verdades estabelecidas que precisam ser superadas pelo novo espírito científico, caracterizado pelo “grandioso destino do pensamento científico abstrato” (BACHELARD, 2005, p. 8). Como superá-las? Afastando-nos de uma observação muito direta que poderia confundir observação com experimentação.

Aludindo a Augusto Comte, o pai do positivismo, Bachelard (2005, p. 8) elucida que o novo espírito científico passaria por três estágios ‘muito mais exatos e específicos dos alegados pelo positivismo:

1. Um estágio concreto (ligado à natureza);
2. Outro concreto-abstrato (ainda ligado a uma intuição sensível); e
3. Abstrato (voluntariamente desligado da experiência imediata).

Para esta apurada formação teríamos que estabelecer a psicologia da paciência científica para superar três tipos de almas, tanto a alma pueril ingênua, quanto a professoral (dogmática)

quanto a alma indutiva com dificuldades de abstrações. “No estado de pureza alcançado por uma psicanálise do conhecimento objetivo, a ciência é a estética da inteligência” (BACHELARD, 2005, p. 10). Segue afirmando nesta apresentação do livro que...

a experiência comum não é de fato construída; no máximo, é feita de observações justapostas, e é surpreendente que a antiga epistemologia tenha estabelecido um vínculo contínuo entre a observação e a experimentação (BACHELARD, 2005, p. 14).

Assim, a experimentação deve afastar-se da observação. E onde estão os famosos obstáculos epistemológicos de Bachelard para a formação do novo espírito científico? Eles aparecem já no primeiro capítulo e seguem por toda a obra em inúmeros ramos da evolução científica. “É no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos” (BACHELARD, 2005, p. 13).

2.2 O problema e a afiada ponta abstrata

Bachelard preocupa-se com o contexto da descoberta e, por isso, é necessário que rejuvenesçamos para descobrir coisas novas, pois só o espírito jovem pode prescindir de verdades já estabelecidas. Tais descobertas, entretanto, passam por uma construção ou correção do espírito. E aqui, encontramos talvez, o ponto mais instigante da epistemologia construtivista de Bachelard: o problema precisa ser encontrado através de uma correta formulação. Um problema mal colocado é uma lástima para a ciência, assim, “o espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas” (BACHELARD, 2005, p. 14).

O espírito investigativo necessita de perguntas e elas não são espontâneas, elas são fruto de um raciocínio, de uma comparação, de uma imaginação. “Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é Construído” (BACHELARD, 2005, p. 18). Neste ponto, Bachelard explica que nos habituamos a certas ideias, e neste conforto do hábito, instala-se o obstáculo para conhecer outros aspectos daquela realidade. Dessa forma, uma ideia dominante pode polarizar todo o espírito. E mais: “[...] a ideia científica muito usual fica carregada de um concreto psicológico pesado demais e [...] perde aos poucos seu vetor de abstração, sua afiada ponta abstrata” (BACHELARD, 2005, p. 19).

O plano do livro é flutuante, explica o autor, porque “é próprio do obstáculo epistemológico ser confuso e polimorfo” (BACHELARD, 2005, p. 26). Nos vários obstáculos analisados que se seguem no livro, Bachelard apresenta exemplos da ciência física. A esse respeito, Gaston Bachelard supõem de toda experiência vista como concreta e real, natural e imediata, conduz a noção de obstáculo localizado no plano epistemológico.

Por assim dizer, de forma genérica, Bachelard (2005) identificou três estágios na dialética entre o processo de formação do espírito científico e os estados do pensamento científico: estado pré-científico; estado científico; estado do novo espírito científico.

No que tange à formação do espírito científico brasileiro, no tocante aos cursos de pós-graduação, tem-se consolidado a necessidade de levantar os problemas de nossas pesquisas nas mais diversas áreas nas últimas décadas. No entanto, é necessário não esquecer que Bachelard (2005) faz tais afirmações nos anos 30 do século passado. Mesmo assim, nesse caminho, algumas antecipações foram possíveis em nosso meio, principalmente na área da Educação, nos anos 1980, quando a expressão "problematicidade do problema" que nos ensinava passar do 'senso comum à consciência filosófica' foi afirmada por Saviani (2018), em que pese a inspiração não ter vindo diretamente de Bachelard, neste caso.

3. Bachelard e o construtivismo na Filosofia de Gilles Deleuze

Há muitas aproximações entre o construtivismo bachelardiano e o construtivismo da filosofia em Deleuze. Em ambos, algo precisa ser construído, pois não está pronto em lugar nenhum.

Deleuze se insere em uma tradição epistemológica francesa. O teórico argumenta "que os problemas devem ser interpretados como positivos e originários", a tal ponto que Maniglier (2019, p.1) menciona que, nessa esteira, além de Bachelard, caminham Canguilhem, Althusser e Foucault.

A problematização do problema em Deleuze encontra-se por toda a obra, especialmente na obra *Diferença e Repetição* (2018). Além disso, cabe mencionar a nona série do Livro *Lógica do Sentido* (1974) e o Platô número doze, dentre os mil platôs.

Maniglier (2019) afirma que os problemas não são o que devemos pensar, mas sim, o que nos faz pensar, ou seja, se refere ao ímpeto em vez do objeto de pensamento. Para o autor,

Bachelard se comprometeu com uma ontologia de problemas que será plenamente realizada em *Diferença e Repetição* (2018) por Deleuze. Seja para filosofar sobre ciência com Bachelard, seja para explicar o que é filosofia, como faz Deleuze, ambos os filósofos concordam que os problemas não são negativos, eles são construídos positivamente.

Pensar é apontar os problemas. Bachelard não tem uma tese geral sobre problemas como Deleuze desenvolve, mas uma tese sobre problemas científicos. Nem as soluções técnicas, muito menos as maravilhas do mundo orientam nossas perguntas. É o próprio desejo de interrogar que nos leva a formular melhores perguntas, em um processo contínuo de correlação entre conceitos. Assim, Maniglier (2019) identifica em Deleuze uma tese mais complexa sobre o carácter transdisciplinar dos problemas. Com vistas nesta perspectiva, o carácter transdisciplinar dos problemas se coloca dentro de uma visão estruturalista, na qual há comunicação entre os problemas na estrutura que requer a construção de processos estruturantes, com a valorização da diferença entre as estruturas. Dessa forma, ter um problema significa ter dois, pois os problemas são objetos intrinsecamente equivocados, sempre com duas vertentes.

Bachelard faz filosofia a partir das rupturas implicadas pelas descobertas científicas. Deleuze mantém uma certa independência da observação de ciência e da história da ciência. Se ambos são críticos de Descartes, Bachelard relaciona as posições cartesianas à luz da ciência moderna, enquanto Deleuze oferece um contraste entre a análise cartesiana e um conceito de síntese vindo de Espinosa. Por isto, o ponto de partida para Deleuze é a sensibilidade e os afetos expressos através das artes, enquanto que Bachelard toma a mente e a psicologia como ponto de partida.

A questão das ciências em Deleuze levanta alguma discussão como comenta James William (2005). Autores, como Manuel Delanda em seu livro *Ciência Intensiva e Filosofia Virtual*, discutem o filósofo francês pós-estruturalista baseados na ciência. No caso de Bachelard, é ele mesmo que se coloca na fronteira de várias ciências, lá onde pululam contradições no interior das quais poderá ver melhor a direção do vetor epistemológico do racional ao real, única forma de escapar delas e fazer avançar o conhecimento.

De nossa parte, aprendemos com Deleuze (2010) que filosofar é criar conceitos (conceito que evidenciará o problema) e, para tal, é necessário construir um plano de imanência, como um horizonte de problemas para abrigar os conceitos. Faz-se necessário também um personagem conceitual que é uma espécie de heterônimo do filósofo (ninguém verá um filósofo

ir ao caos), o personagem conceitual é um duplo ou uma parte do pensamento do filósofo que mergulha no caos e volta de lá com os olhos vermelhos. Plano, conceito e personagem conceitual são os elementos de um certo construtivismo filosófico. Nunca devemos confundir este construtivismo ontológico com o histórico social das psicologias de aprendizagem ou as abordagens sociológicas mergulhadas nas determinações sociais.

4. A biblioteca *Not only*

Ao apresentarmos o título deste artigo *Epistemologia 'not only'*, estávamos nos preparando para enunciar, agora, um novo conceito filosófico para a Biblioteca Pública discutida sob a perspectiva da memória e da experiência em Achilles (2018): *a biblioteca not only*.

Qual metodologia está implícita numa filosofia da diferença? Veremos no livro escrito por Deleuze (1999) sobre o filósofo Henry Bergson, a intuição como método. Mas a intuição no sentido bergsoniano (e também deleuziano) é uma categoria bem mais rigorosa do que o sentido popularizado como sentimento ou inspiração. A intuição é um método elaborado e um dos mais elaborados da filosofia. E se conecta com a duração bergsoniana. Duração, memória e impulso vital que são os grandes temas da filosofia bergsoniana. A intuição é certamente segunda em relação à memória e à duração. Ao analisarmos o texto de Achilles (2018) lidamos em suas páginas com quase toda a história das bibliotecas no ocidente.

Mas memória e duração não poderiam ser plenamente determináveis sem o fio metódico da intuição. Como pode a intuição que é um conhecimento imediato formar um método, se por métodos entendemos várias mediações? Bergson entende a intuição como um ato simples distinguindo três regras exaustivamente quando explicamos sobre a necessidade de problematizar, isto é, só podemos dizer falso ou verdadeiro em relação aos problemas. O mesmo vale para Deleuze e Guattari na criação de conceitos.

Há falsos problemas ou problemas mal formulados. Mas a meta é sempre voltar-se aos problemas para criar conceitos. Deleuze esclarece que “não se trata tampouco de dizer que só os problemas contam. Ao contrário, é a solução que conta, mas o problema tem sempre a solução que ele merece em função da maneira pela qual é colocado, das condições pelas quais é determinado como problema” (DELEUZE, 1999, p. 9). A segunda regra é saber distinguir diferenças de grau e de natureza. E a terceira regra é a necessidade de colocar os problemas

mais em função do tempo do que do espaço. Não estamos aqui tratando de metodologia científica tal como ela é expressa nos manuais. Pouco acrescenta para a filosofia da diferença, definições como pesquisa experimental, descritiva, exploratória e em seus procedimentos técnicos (pesquisa experimental, bibliográfica ou estudo de caso).

Nós gostaríamos de dizer que a metodologia da pesquisa implícita no empirismo transcendental de Deleuze é uma outra metodologia. Não é que a reflexão metodológica nas análises seja menos rigorosa. É que se trata de uma outra metodologia. Poderíamos chamar de metodologia-menor para criar um conceito filosófico de saída. E imaginar métodos quando eles não procuram mais o definido, o repetível, o mais ou menos estável.

Se um conceito filosófico enseja uma ideia problemática, a expressão 'biblioteca *not only*' descreve um problema que não se esgota nos modelos de bibliotecas públicas ressignificados, como por exemplo os parques *biblioteca* já experimentadas entre nós.

Entendemos que os parques bibliotecas poderiam ser um exemplo para a solução de problemas inesgotáveis. Mas, não estamos em busca de um exemplo, mas sim de descortinar um dos mais intrigantes elementos do conceito filosófico, tal como Deleuze o descreve em vários dos seus textos, é que o conceito possui uma potência de repetição, no sentido em que as soluções aparecem, no entanto, o problema não vai embora. As epistemologias construtivistas e mesmo a epistemologia social sheriana ajudam, mas não esgotam a biblioteca-acontecimento que uma filosofia da diferença faria emergir.

Assim, seguimos a sumarização de Mostafa e Nova Cruz (2009, p. 39) para detalhar sumariamente os contornos de nossa *biblioteca not only*:

1. Todo conceito remete a um problema que está, de alguma maneira, mal-visto, mal colocado.

O histórico secular das bibliotecas públicas no Ocidente precisou esperar o século XXI para ver surgir, na América Latina, as bibliotecas Públicas ressignificadas por serem edifícios construídos a partir de uma concepção arquitetônica que transcende a estrutura disciplinar normalmente adotada pelas bibliotecas da região. Tornaram-se verdadeiros pontos de referência urbana. O público da Biblioteca Pública volta-se para novos espaços porque houve um movimento de ressignificação da biblioteca pública. Isso não significa que deixaram de ser bibliotecas públicas, apenas passaram a possibilitar novos modos experienciais que conjuga o

acesso à informação e ao conhecimento em centros urbanos, assim como no caso brasileiro onde muitos projetos foram inaugurados principalmente em áreas de comunidades carentes, com forte densidade populacional e fragilidade social. Não necessariamente circundadas por parques, mas onde atividades culturais diversificadas, além das tradicionais de leitura, estariam sendo oferecidas. Por isso, podem ser concebidas como 'bibliotecas *not only*'. Espaços que também podem ser considerados de forma mais ampla como espaços de aprendizagem e experiências: as oficinas artísticas envolvendo instrumentos musicais, canto e dança com grande potencial de direcionamento profissional para jovens. São outras aprendizagens baseadas não somente em leitura e escrita.

2. Todo conceito tem componentes, se define por eles. É um todo, porque totaliza seus componentes; é fragmentário, porque é composto por eles.

'biblioteca *not only*' muda a direção do problema em relação às bibliotecas públicas uma vez que revitaliza a diversidade de públicos, não apenas leitores escolares ou adultos, mas todo e qualquer tipo de cidadão em qualquer faixa etária. Potencializando, também, as atividades de um ou mais coletivos. Diz-se então que o conceito filosófico é absoluto e relativo ao mesmo tempo. O lado absoluto do conceito é esta sua capacidade de mudar a direção do problema. O lado fragmentário do conceito (ou relativo) é ele poder se conectar com outros no mesmo plano, como o conceito de biblioteca pública, parque biblioteca, centro cultural ou biblioteca-cidadã.

3. Todo conceito tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezagues, cruze outros problemas em outros planos

'biblioteca *not only*' é um conceito inspirado na antropologia de Marisol de la Cadena e surge na análise da ressignificação das funções e definição da biblioteca pública brasileira desde o Brasil-colônia até nossos dias.

4. Todo conceito tem um devir. Sua relação com outros conceitos situados no mesmo plano em uma cocriação de conceitos

'Biblioteca *not only*' torna-se muitas outras e aponta para um além mais de bibliotecas ainda por vir.

5. Considerações finais

'Biblioteca *not only*' é um conceito criado a partir do ponto de vista dos processos acontecimentos vivenciados pela indeterminação, pelo cruzamento de mundos heterogêneos, pela abertura ao novo e ao movimento. Nossa intenção em explorar as epistemologias teve o propósito de mostrar o fôlego de cada uma delas e arriscamos dizer que, em se tratando de Bibliotecas Públicas, talvez a epistemologia social de Jesse Shera seja mais importante do que a epistemologia construtivista de Gaston Bachelard, pois Jesse Shera reconhece o papel da ciência e de outros campos do saber na profissão do bibliotecário, mas não deixa de cotejar problemas políticos e econômicos da formação liberal americana (por exemplo, quando aponta as populações periféricas geradas pelo neoliberalismo dos anos setenta).

Nesse sentido, foi preciso irmos além das exigências do espírito científico, tal como descrito em Gaston Bachelard, e transitar pela indeterminação do movimento da lógica acontecimento de Marisol de la Cadena. O que nos possibilitou pensar uma epistemologia também "*not only*", admitindo o por vir em uma estrutura rizomática capaz de criar conceitos, e criar conceitos é uma atividade própria à filosofia. No rigor de conceituar a filosofia como criação de conceitos, Deleuze distancia-se da epistemologia, chegando mesmo a dizer que a epistemologia era inimiga de época da filosofia, ao lado de outras disciplinas como Sociologia, Informática ou Marketing. Demonstramos aqui a proximidade e o afastamento dos dois filósofos franceses em seus contextos de descoberta, pois de fato eles estão próximos em alguns aspectos do contexto de descoberta. Um referindo-se aos conceitos científicos; o outro, aos conceitos filosóficos. Ciência e filosofia são processos diferenciados. Não são a mesma coisa, mas são igualmente importantes. O grande legado de Deleuze talvez esteja neste seu convite a que consideremos a Filosofia, a Arte e a Ciência no mesmo plano de importância. Todas as três formas de pensamento mudam o mundo, mas saibamos diferenciar seus produtos e suas maneiras de enfrentar o caos.

Ao propor o conceito de '*biblioteca not only*', neste artigo, estamos realizando a terceira síntese do tempo, tal qual sugerida por Deleuze no livro *Diferença e Repetição* (2018), pois a síntese do tempo só agora fez clarificar um novo conceito sobre Biblioteca pública na presente proposta.

A '*biblioteca not only*' enreda seus elementos em um tempo indeterminado e paradoxal envolvendo seus praticantes num vento novo, alegre e intenso.

Referências

- ACHILLES, Daniele. **Bibliotecas públicas brasileiras**: sob a perspectiva da memória e da experiência. 2018. 278 f. Tese. (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- ALFARO LÓPEZ, Héctor Guillermo. El obstáculo epistemológico y la biblioteca, 2008. *In: COLOQUIO DE INVESTIGACIÓN BIBLIOTECOLÓGICA Y SOBRE LA INFORMACIÓN*, 25., 2008, Ciudad de México. [Conference paper]. Ciudad de México: Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, UNAM, 2008.
- ALFARO LÓPEZ, Héctor Guillermo. **Estudios epistemológicos de bibliotecología**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2010. (Teoría y métodos).
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.
- CADENA, Marisol de la. Runa: human but not only. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, London, v. 4, n. 2, p. 253-259, 2014.
- DELANDA, Manuel. **Intensive science and virtual philosophy**. New York: Continuum Press, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles. **O que é Filosofia**. São Paulo: 34, 2010. (Coleção Trans).
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: UNESP, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GRECO, John; SOUSA, Ernest (org.) **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.
- LATOURET, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida em laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência cognitiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

MANIGLIER, Patrice. Problem and structure: Bachelard, Deleuze and transdisciplinarity. **Theory, culture and society**, [s. l.], v. 38, issue 2, p. 25-45, 2019.

MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, D. V. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas: Alínea, 2009.

ODDONE, Nanci. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n.1, p. 108-123, jan./abr. 2007.

SAVIANI. Contribuição do artigo “o problema da pesquisa em educação e algumas de suas implicações” de Luiz Orlandi, à construção de uma ciência da educação autônoma e unificada. *In*: OLIVEIRA, F. B.; FIGUEIREDO, G.; MAGIOLINO, L. L. S. (org.) **Flutuações da pesquisa educacional: o problema da pesquisa em educação de Luiz Orlandi (1968-2018)**. Curitiba: Appris, 2018.

SHERA, Jesse. **The foundations of education for librarianship**. New York: Becker and Hayes, 1972.

SHERA, Jesse. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973.

WILLIAM, James. Deleuze and Bachelard: completeness and continuity in dialectics. *In*: WILLIAM, James. **The transversal thought of Gilles Deleuze: encounters and influences**. 2005. Cap. 4.

Artigo submetido em: 06 jan. 2021

Artigo aceito em: 20 maio 2021